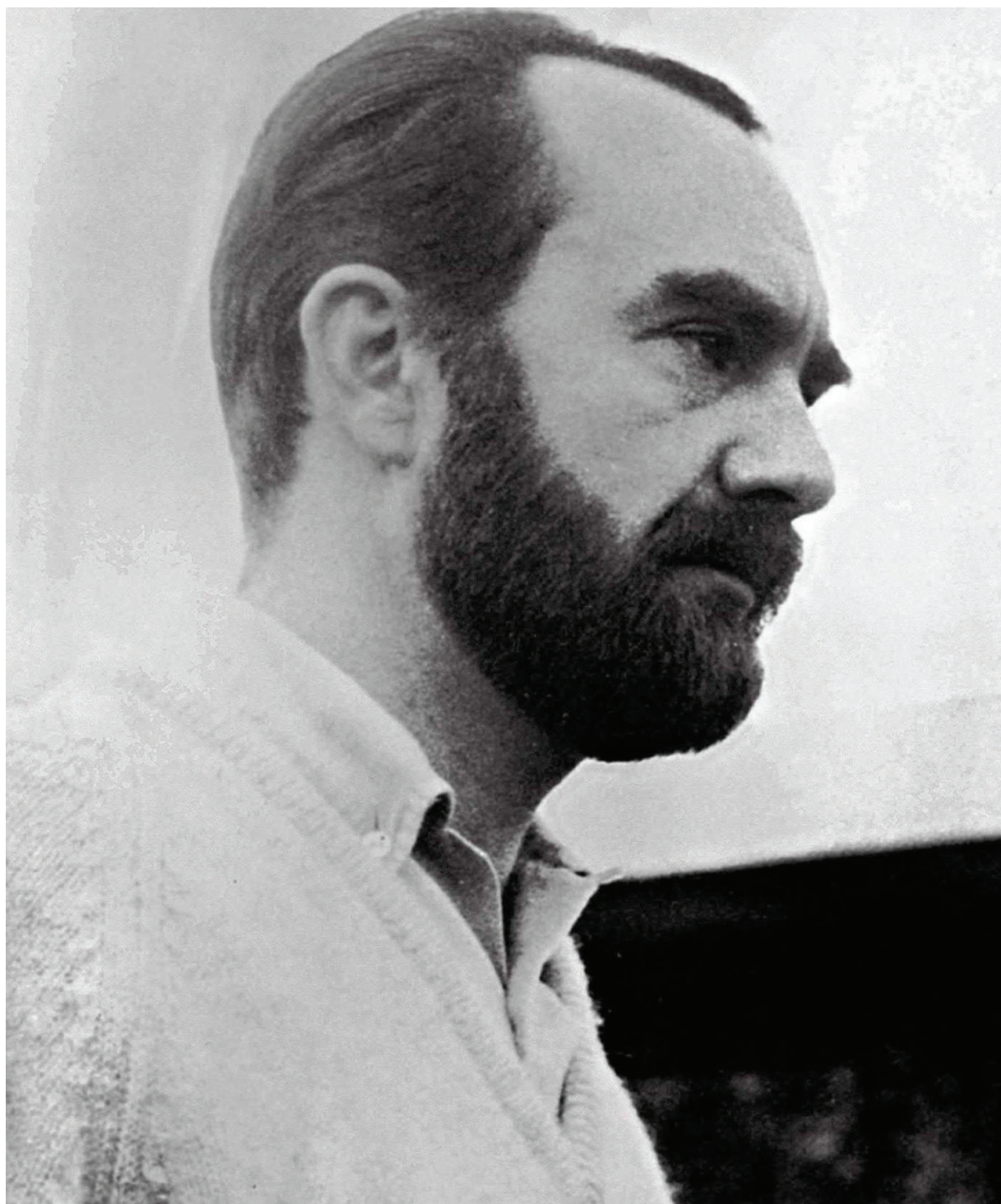




Um vez disse: “Não sou moderno, eu.” Fica para a poesia portuguesa da segunda metade do século XX como Pessoa ficou para a primeira. Homem de vida obscura e poesia luminosa, morreu aos 84 anos. Uma banalidade que calha a todos. Até aos muito grandes

E ele tão mal na cerimónia

TEXTO ANA CRISTINA LEONARDO

Herberto Helder morreu sem ter enlouquecido. Escapou a ironia a quem interpretou literalmente o começo do seu fulgurante texto incluído em “Os Passos em Volta” (1963): “Se eu quisesse enlouquecia. Sei uma quantidade de histórias terríveis. Vi muita coisa, contaram-me casos extraordinários, eu próprio...” Se a literalidade é o pecado capital de todo e qualquer leitor, já ao poeta é permitida toda a batota, pois ele é, como bem disse Pessoa — e ninguém melhor ainda o disse depois dele —, um fingidor que finge e etc.

O que significará decerto alguma coisa, o texto acima citado chama-se ‘Estilo’. Continua: “(...) A verdade é que eu ainda não havia encontrado o estilo. Mas ouça, meu amigo: conheço por exemplo a história de um homem velho. Conheço também a de um homem novo. A do velho é melhor, pois era muito velho, e que poderia ele esperar? Mas veja, preste bem atenção. Esse homem velhíssimo não se resignaria nunca a prescindir do amor. Amava as flores. No meio da sua solidão tinha vasos de orquídeas.” E se o estilo, visto por outro ângulo (e será mesmo por

outro ângulo?), “é uma dificuldade de expressão”, como escreveu outro poeta, no caso o brasileiro Mário Quintana, que se celebrem os vasos de orquídeas para sempre.

Pessoa. Depois Herberto. Dois nomes que marcam e marcarão a poesia portuguesa do século XX, já todos teremos morrido com eles. Meio século para cada um, mais coisa menos coisa. Foi-se agora o segundo, sem grande alarde, o alarde de todo esgotado nas polémicas edições que publicou, a fechar o ciclo, na Porto Editora. A unanimidade é costume nestes casos e já se leram comunicados pungentes, e até plangentes. Portugal ficou mais pobre e blablablá, com o Governo da República, que se registre para memória futura, a pôr e a tirar o acento a Helder em página oficial. O facto é que o intocável Herberto (não há outro atributo que lhe sirva) deixou de ser intocável em vida. O circo montado à volta das “edições limitadas” dos dois últimos livros deu muito que falar, e não necessariamente pelas melhores razões. O poeta do “êxtase material”, da energia feroz e flamejante das palavras, a

quem insistiram em chamar obscuro — confundindo-se quase sempre o plano da obscuridade da obra com a obscuridade social do poeta —, viu o seu nome envolvido no final da vida em histórias de tiragens açambarcadas e vendas especulativas, as luzes da ribalta a piscar em crescente nervosismo, como se de súbito, da costela do autor arisco à mundanidade, se quisesse arrancar à força uma estrela pop exótica.

Herberto Helder Luís Bernardes de Oliveira veio ao mundo na Madeira em novembro de 1930. Em vida, e por vontade própria, pouco mais quis acrescentar ao assento de nascimento. Concordaria decerto com a escritora canadiana Margaret Atwood quando esta remeteu para a zoologia as demandas biográficas: “Querer conhecer o artista porque se gosta da obra é como querer conhecer o ganso porque se gosta de *foie gras*.” O mesmo entendimento não tiveram os responsáveis pelo documentário “Meu Deus, faz com que eu seja sempre um poeta obscuro”, que insistiram em realzá-lo contra a vontade do poeta, que telefona pessoalmente aos amigos

pedindo-lhes para não participar. O documentário foi ainda assim para a frente, coxo, praticamente tetraplégico, e a RTP2 resolveu exibi-lo “em homenagem ao poeta” um dia depois da sua morte. Homenagem que, no mínimo, só podemos classificar como bizarra (capaz de amotinar o morto, se acreditássemos na ressurreição) e na qual, já o genérico a correr, se ouve uma voz *off* que comenta (*sic*): “Ele nasceu em 1930. Daqui a uns tempos morre. Morre uma pessoa importante. E não há documentos de outro tipo sobre ele, sobretudo audiovisuais. Isto é grave para a cultura portuguesa.” Pondo de lado o facto irrefutável de não existirem documentos audiovisuais nem de Fernão Mendes Pinto a espadeirar mouros no Mar Vermelho nem de Camões zarolho a salvar “Os Lusíadas” a nado (e isso é que era!), a profecia em *off* de 2007 cumpriu-se: Herberto Helder morreu. Na sua casa em Cascais, era o dia 23 de março de 2015.

Por partilha do espaço geográfico, durante um certo período encontrava-o muitas vezes no comboio do Cais do Sodré. Conhecia-o

Órfão de mãe muito cedo, atraído pelo universo das mulheres e apaixonado da feminilidade telúrica, que deixa transparecer na sua obra

Apesar de ter afirmado um dia que ia deixar de escrever, Herberto tem uma obra vastíssima, escrita e reescrita obsessivamente

da Assírio & Alvim, onde publicou durante décadas, antes de mudar, já perto do fim, para a Porto Editora. Recordo uma vez em que ao apanhar o comboio pressenti inexplicavelmente que ele lá estaria e de certeza. Percorri as carruagens, até que me pareceu vê-lo ao fundo, sentado junto à janela. Aproximei-me e disse-lhe: “Bem me parecia que era a sua careca!” E rimo-nos. Falávamos de tudo, incluindo filosofia da ciência, o que era natural num poeta que escreveu: “Se houvesse degraus na terra e tivesse anéis o céu/ eu subiria os degraus e aos anéis me prenderia.” Ele, que não eu, também falava de doenças. Há muito que tinha deixado de fumar e de beber e costumava brincar, o carioca de limão pousado na mesa do almoço: “Vou morrer cheio de saúde!” No comboio, as conversas sobre doenças terminavam invariavelmente perto de Paço de Arcos, eu sem saber o que dizer. E, se conto isto, não o faço em bicos de pés, até porque não poderia — são meros episódios de circunstância —, mas apenas para provar que o poeta podia ser um poeta amável e, ainda assim, dizer ‘não’ a prémios e entrevistas.

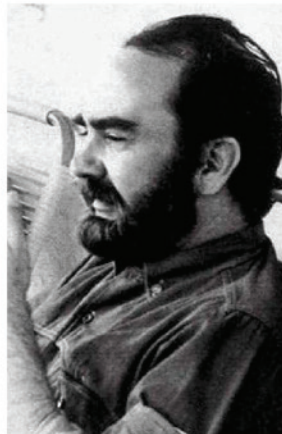
Uma vez deu uma entrevista a ele próprio. Publicada na revista “Luzes da Galiza”, entretanto desaparecida. Chamou para título “As turvações da inocência”. Lê-la, lembra-nos que, embora Herberto Helder fosse de facto um amável companheiro de viagens de comboio, podia ser feroz com os seus pares: “O surrealismo foi um equívoco, uma soma de equívocos. Breton, que principiara pelas reverências parisienses a Valéry, cai de repente em Viena, põe-se a devorar o Dr. Freud. Valéry representa aquilo mesmo que pode servir de insulto contra qualquer pessoa: você é um intelectual francês! Quanto à psicanálise, eis a doutrina por excelência corruptora da sacralidade: o modo pior de fazer perguntas são perguntas destinadas a obter respostas. Encontramo-nos no círculo fechado da modernidade. Em Freud

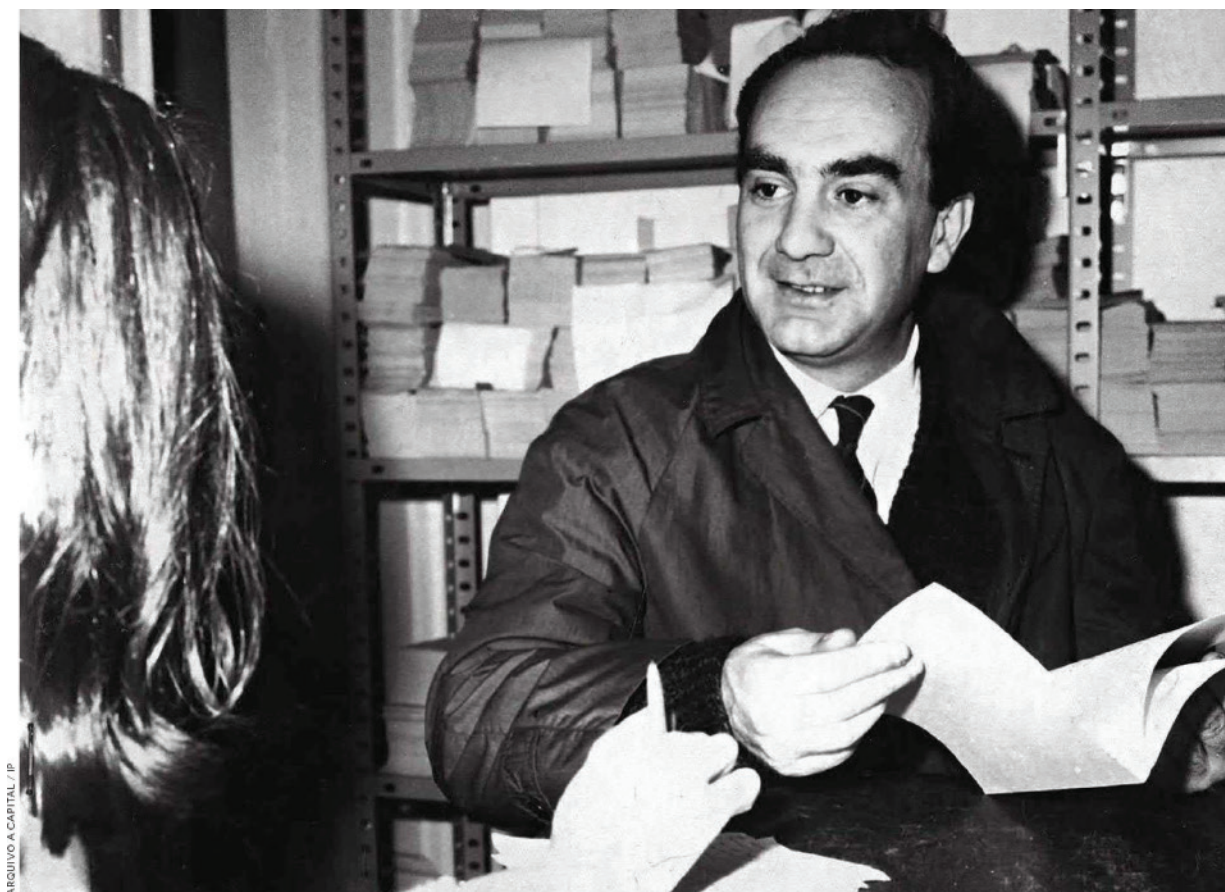
vê-se logo o mitólogo impuro, o criador de ficções apriorísticas. Estava destinado a fazer escola. Vê-se nele também o tortuoso burguês austríaco do começo do século, e ainda por cima judeu, um burguês judeu em conflito com o moralismo judaico. Estava destinado a envenenar tudo. O tipo de intelectual exemplarmente, implacavelmente, sinistramente pronto para conceber um sistema familiar à global degradação moderna. Breton devorou-o. (...) Talvez se pensasse que estava empanurrado. Não estava. Foi a Marx, que ao tempo parecia mais opiparo que hoje, e devorou-o também. Agora tínhamos o materialismo dialéctico, a luta de classes, a mais-valia; tínhamos a exultação economicista. Enquanto se praticava a retórica do amor e da liberdade. Deitaram-se ainda na sopa de legumes umas especiarias leves: o cadáver esquisito, a escrita automática (técnica para ajudar a eclosão do inconsciente freudiano, dizia-se), os delírios simulados, o acaso objectivo, etc., especiarias leves, truques. Pronta a servir, a sopa. Breton era um sargento rancheiro, um sargento irascível e peremptório. Ou comiam aquilo, todos, ou levavam nas trombas; era a tropa. Bom, serviu alguns serviços involuntários. Artaud apoiou-se na disciplina do regimento para desertar num salto louco; algumas referências surrealistas foram úteis, à distância, para Michaux. Tudo enriquece a originalidade dos espíritos originais (...)”

O neorealismo também não lhe mereceu delicadeza. No prefácio a “Poemas de Edmundo de Bettencourt”, livro publicado em 1963 pela Portugália, escreve: “(...) O neorealismo, vinculando a literatura a uma acção virtualmente transformadora, mas que os homens não souberam exercer no devido plano prático, criou apenas uma curiosa ‘alienação’ (termo que lhe é excessivamente grato), um cómodo processo de ‘fuga’. Para utilizar uma expressão dos domínios da

psicanálise, os neo-realistas portugueses realizaram um *transfert*. Transferiram para má literatura o que deveria ter sido uma boa acção social. Creio que, assim, pacificaram a sua perturbada consciência de pequeno-burgueses e imaginaram ter reformado o gosto, a sensibilidade e a imaginação.” Talvez não nos admire, lido isto, que a militância de Herberto Helder no PCP tenha sido mais do que efémera.

O poeta chegou da Madeira para estudar. Foi para Coimbra. Tenta Direito em 1948 e tenta depois Filologia Românica (e não romântica, como se vê escrito por aí...), os dois cursos inacabados. Depressa troca a cidade dos estudantes por Lisboa. Inicia-se nas tertúlias da época, sobrevivendo em empregos temporários na banca (Caixa Geral de Depósitos), na publicidade, como delegado de propaganda médica e até no Serviço Meteorológico, onde não sabemos se aperfeiçoou a sua paixão pela imensidão do Universo. Torna-se frequentador do Café Gelo, local de encontro com tradições conspirativas que recuavam aos tempos anteriores à I República. Senta-se com Mário Cesariny, Luiz Pacheco — que lhe editará em 1958 “O Amor em Visita” e com quem terá briga célebre quando o então editor da Contraponto faz uma edição pirata do seu livro “O Corpo o Luxo a Obra” —, João Vieira, António José Forte e tantos outros que ficaram precisamente para a história como o Grupo do Café Gelo. É um ilhéu à mesa dos maiores. Combina vadiagem e literatura. Aprende. Trocará depois Lisboa pela Europa e faz-se à estrada, como Kerouac, com estadias confirmadas em França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, onde exerce ofícios de desenrascas, o mais “poético” não o de cortador de legumes para sopa mas decerto o de empacotador de aparas de papel. Quando regressa, o país vive no ramerrame salazarento do costume, Portugal, as três sílabas do O’Neill. Não falta muito para “A Colher na Boca” (Ática, 1961) e os “Passos em Volta” (Portugália, 1963).





ARQUIVO A CAPITAL / IP

Percorre então Portugal com as bibliotecas itinerantes da Gulbenkian, para onde trabalha agora, e um dia parte para Angola. Entretanto, em 1968, um tal Joaquim Paílhães, que só por isso ficará para a história, escrevia sobre “Apresentação do Rosto” (Ulisseia) (obra que o autor acabaria por renegar): “Autobiografia do Autor, que é de índole esquerdista, escrita em linguagem surreal e hermética, que como obra literária não mereceria qualquer reparo se não apresentasse passagens de grande obscenidade, como por exemplo nas págs. 71, 111, 120, 162, 163, 186, etc. Nestas condições entendendo que é de propôr a proibição de circular no país para este livro.” E grande parte dos exemplares acaba apreendida.

Em África trabalha como jornalista para a revista “Notícia”. Fica por lá cerca de dois anos, mas depois de um aparatoso desastre de automóvel acaba por regressar. Regista-se ainda uma passagem pelos Estados Unidos em 1973.

Apesar de ter afirmado um dia, nos idos de 1968, que ia deixar de escrever — e escritor ou poeta que nunca tenha dito isso que atire a primeira pedra! —, Herberto tem uma obra vastíssima, escrita e reescrita obsessivamente, que inclui traduções, adaptações e versões de textos alheios, como o maravilhoso “As Magias”, que publica em 1988 na Assírio & Alvim.

As tertúlias de café prosseguem, apesar de o Café Gelo há muito ter ficado para trás. O poeta, que ao contrário de imagem muito difundida nunca foi bicho do mato nem misantropo, apenas uma “cabeça [que] estremece com todo o esquecimento”, é agora um nome poderoso. E se em tempos lhe assentara o papel de ilhéu tímido e calado a ouvir os consagrados, no presente é ele quem pontifica. O mito Herberto Helder está criado. O poeta havia-se tornado intocável.

Dois filhos, casamentos falhados, e agora uma vida mais pacata em Cascais, onde vive com Olga Ferreira

Lima, hoje a sua viúva. Mais tarde, o retiro definitivo do velho bardo.

Órfão de mãe muito cedo, atraído pelo universo das mulheres e apaixonado da feminilidade telúrica, que deixa transparecer na sua obra, dele ficarão sempre gravados os versos: “A bicicleta pela lua dentro — mãe, mãe —/ ouvi dizer toda a neve./ As árvores crescem nos satélites./ Que hei-de fazer senão sonhar/ ao contrário quando Novembro empunha —/ mãe, mãe — as telhas dos seus frutos?/ As nuvens, aviões, mercúrio./ Novembro — mãe —/ com as suas praças/ descascadas. (...)”

Ou esses outros, que toda uma geração soube de cor (“O Amor em Visita”): “Dai-me uma jovem mulher com sua harpa de sombra/ e seu arbusto de sangue. Com ela/ encantarei a noite (...)”

Poeta que nos remete para um universo antigo, primordial, radical, mágico, animal, Herberto Helder, filho de Orfeu e irmão de Baudelaire e dos Índios, seria ele possível hoje, em tempos tão descarnados e

despojados de sagrado? Porque alguma coisa se perdeu entretanto.

De si, falando sempre de outra coisa — de poesia —, disse o próprio em “Photomaton & Vox”: “(...) A poesia é feita contra todos, e por um só; de cada vez, um e só. A glória seria ajudar a morte dos outros, e não por piedade. A grandeza afeire-se pelas conveniências do mal. O que se diz da beleza é uma armadilha. Pena que não pratiquem o pavor, todos. Seria o lucro do nosso emprego, e um pequeno contentamento para quem está com alguma pressa em agravar. E leia-se como se quisesse, pois ficará sempre errado (...)”

Vencido pela morte, essa banalidade, foi-se embora o autor de “A Morte sem Mestre”. Não haverá mais modificações aos versos, mais emendas, mais cortes, mais súmulas, mais recusas em falar ou em receber prémios do poder. Quem sabe, todos os grandes poetas aspiram ao silêncio, como todos os grandes jogadores aspiram a perder. ●